

Introdução

Johann Christoph Friedrich Schiller nasceu em 1759, em Marbach am Neckar, na Alemanha. Ainda jovem, consagrou-se em solo alemão com a peça teatral *Os Bandoleiros*, encenada pela primeira vez em Mannheim, no ano de 1781, logo se transformando em um baluarte do *Sturm und Drang*. A partir de então, Schiller despontou como um dos principais responsáveis pela emergência de uma literatura alemã, ao lado de Goethe. A obra dos dois poetas foi frequentemente associada a movimentos intelectuais aparentemente contrários, como o *Classicismo* e o *Romantismo*, o que evidencia a disputa de sentidos em torno da produção de ambos. Contudo, a contribuição de Schiller – bem como a de Goethe – para as artes e o pensamento moderno extrapola qualquer tentativa de cerceamento de sua criatividade e capacidade de sentir e expressar o seu tempo.

Embora a memória de Schiller seja associada, sobretudo, a seu trabalho como dramaturgo, na última década do século XVIII, o poeta dedicou-se também à reflexão acerca de seu ofício e pôs-se a estudar os meandros da Estética. Destaca-se entre seus escritos o que ele próprio denominou como seu *ateliê filosófico*, composto por uma série de artigos, correspondências e fragmentos, principalmente, acerca da Estética. Sua inclinação para uma reflexão crítica sobre o estatuto da obra de arte era evidente, mas seu interesse rompeu a barreira da dramaturgia e descortinou preocupações com a formação cultural e a atuação política do homem moderno.

Dois importantes acontecimentos levaram Schiller até a discussão do belo e do gosto: primeiramente, o impacto da filosofia kantiana na Alemanha e a leitura, em 1791, de *Crítica da Faculdade do Juízo*; em segundo lugar, os rumos da Revolução Francesa após a chegada dos jacobinos ao poder e o claro desacordo entre o racional e o razoável nas decisões do Comitê de Segurança Nacional. Interessado em encontrar um critério objetivo para o belo e convencido de que o gosto poderia fornecer a medida certa entre a razão pura e a razão prática, entre 1791 e 1795, debruçou-se sobre larga bibliografia e dedicou-se ao estudo da

Estética. Mais do que buscar o fundamento filosófico de seu fazer, Schiller pretendia enfatizar o papel da arte para a formação do homem, a sua importância na humanização do indivíduo e na sua transformação em cidadão.

Da união entre curiosidade e interesse intelectual, de um lado, e a preocupação com o horizonte nebuloso, aberto pelos novos caminhos da história, por outro, surgiu uma reflexão sobre o homem moderno, ou dito de maneira mais apropriada, sobre o *Ideal* de homem moderno. A arte mostrava-se a Schiller como mais um caminho a ser percorrido na formação do homem.¹ Para que o homem pudesse desfrutar de todas as conquistas da razão, parecia-lhe imprescindível que também gozasse de uma educação dos sentidos. O poeta acreditava que a natureza humana seria guiada por dois impulsos contrários: o sensível e o formal, aquele provocando a mudança e este exigindo a eternidade. O diálogo incessante dos dois impulsos, além de causar desacordo, poderia impor a tirania de um impulso sobre o outro. A fim de mediar a oposição entre os dois impulsos fundamentais existiria a arte, capaz de harmonizá-los e de amenizar a fratura do espírito.

A ideia de formação do homem era muito cara à geração de intelectuais a qual Schiller pertencia.² O conceito de *Bildung*³ difundiu-se no século XVIII, tornando-se um ideal: o cultivo do homem através de um processo gradual e incessante em busca de sua formação. Segundo Aleida Assmann, a *Bildung* evocaria um movimento interior em busca do universal. Em oposição à fragmentação crescente do saber e do próprio homem, na esteira da modernidade, a *Bildung* consistiria na busca pela integralidade, através de um movimento que se iniciaria no espírito e em seu pleno desenvolvimento alcançaria o mundo social.⁴ Ela representaria um processo inconclusivo, através do qual a formação do homem realizar-se-ia na consciência de si mesmo, de sua individualidade,

¹ A compreensão da *Bildung* como formação pressupõe o cultivo do homem através de um amplo processo, que incluiria a linguagem, a cultura estética e até mesmo a experiência histórica em seu sentido mais lato.

² Estamos utilizando o conceito de geração elaborado por Karl Mannheim, publicado em *Sociologia do Conhecimento*.

³ Essa palavra exclusiva da língua alemã é comumente traduzida como “formação”, “cultura” e até “edificação”. Neste trabalho, traduziremos *Bildung* como *formação*.

⁴ Em ASSMANN, Aleida. *Construction de La Mémoire Nationale: Une brève histoire de l'idée allemande de Bildung*. France : Foundation Maison des Sciences de l'Homme, 1994.

contudo, tendo em vista aquilo que seria universal a toda a espécie.⁵ Esse processo de formação possuiria como principais metas a universalidade e a autonomia. Dessa maneira, a concepção de um homem cultivado pressupõe a valorização da individualidade, bem como a expressão da universalidade no indivíduo. O justo equilíbrio entre essas duas forças seria o objetivo maior da *Bildung*.⁶

Exatamente por que não se conclui, a *Bildung*, como um processo de formação, seria fundamental para a constituição do homem moderno, uma vez que em aberto, essa formação transformar-se-ia em possibilidade de potência. Sendo assim, o movimento incessante de busca pelo universal seria capaz de colocar o homem em ação, impulsionando-o para a realização de sua meta. Essa esfera da ação era central para o pensamento de Schiller, que não entendia a arte por meio de uma relação contemplativa, mas como ação de apresentação e representação do mundo. O poeta reservou à Estética um papel dileto na formação do homem - ela seria a responsável por seu refinamento, pela capacidade de controlar as sensações e, ao mesmo tempo, impedir que a razão lhe assaltasse os sentidos. A cultura estética deveria ensinar ao homem artificial – *civilizado* – a desfrutar de suas sensações sem tornar-se um selvagem. Do mesmo modo, a orientação do juízo de gosto poderia contribuir para a transformação do “selvagem” e do “bárbaro” em um homem “cultivado”.

A educação do homem fazia-se indispensável, sobretudo, tendo em vista o projeto de formação da nação que tanto interessava aos intelectuais alemães da época de Schiller, pois antes de criar o Estado alemão era indiscutível a necessidade da *Bildung* do indivíduo. Portanto, para solucionar o então problema político instalado, seja na França, seja na Confederação Germânica, a vereda proposta por Schiller fora a educação estética do homem. No modo como Schiller via a humanidade, cada homem seria dotado de certa expressão pura e plena da totalidade: “é falso, portanto, afirmar que a formação das forças individuais faz

⁵ Para melhor desenvolvimento da questão veja: CALDAS, Pedro Spinola Pereira. “O limite do historicismo: Johann Gustav Droysen e a importância do conceito de *Bildung* na consciência histórica alemã do século XIX”. In: *Revista Filosófica de Coimbra*. nº 29, 2006.

⁶ Hegel dissera o seguinte sobre o “homem culto”: “(...) é aquele que sabe imprimir em tudo a marca da universalidade”. (HEGEL. Apud: CALDAS, 2011: 1) Aqui temos uma espécie de corolário do conceito de *Bildung* que pretendemos compreender.

necessário o sacrifício de sua totalidade; e mesmo que seja esta a inclinação da lei natural, estará em nós refazer, através de uma arte mais alta, aquela totalidade em nossa natureza que foi destruída pelo artifício”. (SCHILLER, 1963: 52)

O projeto de uma educação estética do homem ganhou forma a partir da correspondência entre Schiller e o Príncipe dinamarquês Friedrich Christian von Augustenburg, ao longo de 1793. A amizade entre eles foi fruto de um feliz mal entendido. Por causa de uma grave enfermidade pulmonar, Schiller deixou seu lar em busca de melhores ares. A ausência de notícias sobre o seu estado alimentou o temor de que o pior havia sucedido. Chegou até a Dinamarca o boato de que Schiller falecera, provocando grande pesar entre seus amigos e admiradores, que até mesmo teriam organizado um cortejo fúnebre de três dias em sua homenagem. Felizmente, o imbróglio foi desfeito e Schiller “ressuscitado”. Em solidariedade à situação financeira do poeta – que precisava trabalhar exaustivamente para manter a sua família, uma vez que o cargo de professor de história que lhe havia sido oferecido na Universidade de Iena não era remunerado –, a sua frágil saúde, bem como por grande admiração a sua obra, o Príncipe von Augustenburg e o conde Ernest von Schimmelmann, ofereceram-lhe uma contribuição anual.⁷

Como retribuição a tal benefício, Schiller ofereceu aquilo que tinha de mais valioso: suas ideias. Prometeu ao Príncipe enviar-lhe cartas nas quais seguiriam suas recentes reflexões acerca da Estética. Nessa correspondência, o poeta discursou sobre a sua intensa leitura de Kant, assim como sobre seus desacordos com o filósofo de Königsberg. Mas a principal matéria compartilhada com o mecenas foi a sua concepção da uma educação estética do homem como a possibilidade de formá-lo para a vida em sociedade. A partir dessas cartas, ergueu-se um pensamento que, embora não tenha recebido a organicidade de um sistema, manteve uma coerência filosófica e política, seja nos artigos, nas cartas, aforismos ou fragmentos. Por meio dessa reflexão, Schiller manteve aceso o ideal de um homem moderno esteticamente cultivado, capaz de realizar a liberdade desde o seu interior até a vida social. A educação estética, dessa forma, seria um

⁷ Ficou combinado entre os três que o nome de von Schimmelmann seria mantido em sigilo, portanto, era de conhecimento público apenas a colaboração do Príncipe.

importante instrumento para a promoção da liberdade como a meta suprema a ser perseguida pela humanidade.

Não podemos deixar de ponderar acerca do caráter específico da escrita de Schiller. As *Cartas Sobre a Educação Estética da Humanidade* são uma forma do dramaturgo compartilhar suas ideias com seu mecenas, mas também representam uma *escrita de si*. Nesta correspondência podemos ver a construção do próprio autor na dinâmica que travava com o texto e seu destinatário. Havia, na elaboração daquele material, uma preocupação com a construção de uma identidade, que não poderia ser anterior, nem mesmo posterior à feitura das cartas, senão resultado da própria escrita. Para nós, a efeito de compreensão das ideias do autor, é na leitura mesma do texto que Schiller pode emergir historicamente. O jogo intrínseco à troca epistolar possibilitaria a construção de uma identidade dialógica, na qual o indivíduo se vê ao mesmo tempo em que pretende enxergar o outro – numa espécie de jogo entre identidade e alteridade. A tentativa de criar uma unidade do eu parece presente na correspondência de Schiller, principalmente se atentarmos para o âmbito íntimo revelado através delas. Assim, a utilização das cartas como fonte para a nossa pesquisa terá como condição primeira a recorrente lembrança de que se trata não somente da exposição de ideias, mas também da construção do *self*, da imagem de si mesmo que Schiller pretende espelhar a partir de suas palavras. Não seria ocioso lembrar que alguns meses após o fim da correspondência, Schiller publicou as cartas no periódico *Die Horen*, do qual era editor, ou seja, permitiu a publicidade daquelas ideias. Esse ato parece bastante significativo para a percepção de uma autoimagem subjacente a seu projeto estético.

Além das cartas remetidas a von Augustenburg, também utilizaremos como fonte para a análise a correspondência entre Schiller e Goethe, assim como aquela entre Schiller e Körner. Escusado enfatizar que, dados os diferentes graus de amizade e intimidade entre os seus destinatários, a escrita e a construção da identidade do remetente foram ligeiramente modificadas. Contudo, vale a pena a observação, pois embora Schiller e Goethe sejam frequentemente lembrados como colaboradores, a sua relação estava longe de ser pacífica, e as rugas dessa amizade transparecem na formalidade excessiva do tratamento – Goethe, de fato, era mais velho que Schiller, mas acredita-se que o emprego do pronome *Sie* para o

trato formal tenha como principal motivo suas discordâncias intelectuais – e na severidade com que Schiller encarava a construção de sua própria identidade quando confrontado com a perspectiva de ter em Goethe seu leitor, por vezes, parece que Schiller pretendia assumir ele mesmo o papel do homem moderno que idealizara. As cartas que trocava com Körner, por sua vez, eram mais intempestivas, mais seguras, provavelmente porque se sentia à vontade para expressar as opiniões com a rapidez e paixão com as quais lhes surgiam à pena.

Somando-se às cartas, também utilizamos como fonte de investigação diversos artigos de Schiller, publicados entre 1784 e 1803, e majoritariamente relacionados à temática da arte trágica. O poeta pretendia demonstrar a preponderância da tragédia, entre outros gêneros poéticos, para a efetivação de uma educação estética. Segundo a caracterização de Schiller, no palco da tragédia seria encenado o antagonismo entre a vontade humana e os instintos, em outras palavras, na tragédia deveria ser expresso o desacordo entre a determinação natural e a liberdade moral. Dessa forma, o efeito trágico consistiria exatamente na afirmação da liberdade, que deveria sobrepor-se à lei natural, mesmo que tal a conduzisse por um caminho contrário ao instinto de autopreservação. Através da *apresentação sensível do supra-sensível*, pretendia mostrar no palco o Ideal de homem que a humanidade deveria perseguir. O teatro transformava-se em um tribunal – onde a perfídia do mundo público seria julgada à luz da moral que, por sua vez, estava encerrada no mundo privado⁸ –, todavia, sua principal função seria permitir a experiência da liberdade e a elevação do homem a partir da superação dos seus impulsos.

Na construção desse Ideal de homem moderno, Schiller seguiu a *nostalgia da Grécia* inaugurada por Winckelmann e buscou entre os antigos os valores que constituiriam o novo homem. Em uma relação de emulação com o passado

⁸ Aqui fazemos menção ao argumento de Reinhart Koselleck, em *Crítica e Crise*. Segundo o historiador alemão, no Antigo Regime o Estado absolutista efetivou a separação entre a política e a moral, lançando esta ao mundo privado. Dessa forma, foi engendrada uma dinâmica cuja principal característica seria a separação entre a esfera pública considerada amoral – na qual a ação do soberano não estava submetida a nenhuma lei da razão – e a vida privada – onde a moral poderia se desenvolver. A crítica burguesa apropriou-se da noção de que o cidadão deveria elaborar os julgamentos morais e, ao longo do *Século das Luzes*, alçou esses julgamentos até o âmbito da ação estatal. A crítica elevou a moral ao papel de depuradora da política e impôs à moral a tarefa de restauradora do mundo público.

escolhido, ao mesmo tempo em que o poeta via entre os gregos a relação espontânea com a natureza – perdida ao longo do desenvolvimento da cultura – também tinha certeza dos ganhos do processo histórico, como a autonomização da razão. Não lhe interessava “imitar” os antigos, mas conhecer o seu Ideal de homem e de arte para ampliá-los à luz dos novos tempos. A liberdade deveria ser novamente a meta suprema do homem, mas na modernidade ela não poderia ser apenas fruto da relação do homem com a natureza, mas também de sua razão, pois seria exatamente por meio da razão que a liberdade alcançaria sua plena realização.

Após essas colocações preliminares, faz-se necessário apontar que o objetivo deste trabalho consiste em investigar nos escritos filosóficos de Schiller a concepção acerca da Estética como disciplina autônoma do conhecimento, sobretudo, a partir da relação entre as suas ideias e o ambiente intelectual ao qual pertencia. Ao mesmo tempo, interessa-nos sublinhar a compreensão do poeta alemão sobre o papel da arte na sociedade, possibilitando, dessa forma, articular uma crítica à sociedade que lhe foi contemporânea e, ainda, propor uma transformação por meio de uma educação estética. No bojo dessa crítica, pôde emergir um Ideal de homem moderno que, embora idealizado a partir dos valores da Antiga Grécia, deveria superá-los. Através da expansão da razão, esse homem moderno encontraria sua meta na busca pela perfectibilidade, assim como as condições adequadas para experimentar a ampliação ilimitada de sua liberdade.

A fim de demonstrar este percurso intelectual do poeta alemão, nossa argumentação será encaminhada através de cinco atos principais. De início, trataremos de analisar o cenário intelectual com o qual as ideias de Schiller dialogaram. Por vezes teremos que avançar um pouco além de nosso recorte cronológico⁹, pois em alguns momentos tornou-se importante investigar a formulação de algumas ideias e, em outros casos, fez-se necessário pensar como estas ideias foram re-apropriadas – atenuadas ou amadurecidas – nos anos que se sucederam. Contudo, a principal finalidade do estudo panorâmico, que será apresentado no primeiro capítulo, consiste em permitir que as ideias de Schiller sejam avaliadas tendo em vista as duas principais matrizes intelectuais do período,

⁹Neste trabalho nos interessa principalmente a produção intelectual de Schiller de 1791 a 1803.

a saber: o *classicismo* e o *romantismo*.¹⁰ Não obstante, renunciamos a qualquer pretensão de enquadramento de sua obra, posto que esta atitude representaria um cerceamento à arte e ao pensamento do poeta, bem como um entrave à compreensão da complexa tessitura da história.

No momento seguinte, nossa atenção voltar-se-á para a compreensão dos fundamentos teóricos do projeto estético elaborado por Schiller. E para tal, não poderíamos prescindir de uma investigação acerca dos encontros e desacordos entre a filosofia kantiana e a noção de estética que o poeta nos legou. A *Terceira Crítica* foi o alicerce teórico e ponto de partida de Schiller, mas a *Crítica da Razão Pura* certamente era o alvo de suas intenções. A partir do idealismo transcendental de Kant, Schiller pôde conceber a estética como mediadora entre o entendimento e a razão, e sua função apaziguadora como favorecedora da moral. A incorporação dos pressupostos filosóficos das três *Críticas* de Kant foi quase total, entretanto, Schiller acreditava na possibilidade de encontrar um critério objetivo para o gosto e aqui seu afastamento em relação a Kant era inevitável. Além do filósofo de Königsberg, também analisaremos a influência das ideias de Winckelmann e Lessing sobre a concepção do belo e acerca da idealização da Grécia Antiga na composição da análise de Schiller. Para exemplaridade desse debate, destacamos as análises de Winckelmann, Lessing, Schiller e Goethe sobre o *Laocoonte* e a discussão em torno da proposição de Winckelmann de que o traço distintivo da cultura grega seria a *nobre simplicidade* e a *serena grandeza*.

No terceiro capítulo nos dedicaremos à análise das *Cartas para a Educação Estética da Humanidade*, nas quais Schiller arquitetou sua crítica à sociedade européia do Antigo Regime e sua proposta de mudança: uma educação dos sentidos através da arte. Nesta seção, teremos a oportunidade de refletir por que uma educação estética era tão urgente para seu idealizador, assim como investigar qual Ideal de homem moderno era subjacente a essa formação. A concepção do cultivo do homem como uma *Bildung*, uma formação gradual do indivíduo através da arte, mas também de suas experiências históricas, parece

¹⁰ No primeiro capítulo serão apresentadas as características da “razão clássica” e do “movimento romântico”, sem que as ideias de Schiller assumam aqui o protagonismo. Nos capítulos seguintes, utilizaremos esse panorama teórico como referência, mas Schiller e sua obra assumirão a dianteira de nossas preocupações. No quarto capítulo, em especial, será retomada a discussão entre a estética classicista e a romântica.

estar subentendida na preocupação de Schiller sobre educação (*Erziehung*). Como desdobramento desse debate, buscamos entre os seus contemporâneos, sobretudo os irmãos Schlegel e Novalis, o diálogo acerca da aproximação da ideia do Estado como uma *obra de arte*.

Em *Poesia Ingênua e Sentimental*, Schiller reuniu artigos originalmente publicados na revista *Die Horen*, ao longo do ano de 1795. Seu objetivo consistia em estabelecer a distinção entre as duas formas de sentir a arte: a ingênua e a sentimental. Embora a correspondência histórica não fosse imediata, Schiller permitiu-se pensar a experiência estética da antiguidade como ingênua, porque reservava uma relação espontânea com a natureza, enquanto nos tempos modernos a poesia não mais encontrava espaço para a espontaneidade e o artifício, instalado no seio da cultura, seria a marca de uma experiência estética na qual a razão impõe limites à ação da natureza e vice-versa. O artigo de Schiller reacendeu entre os intelectuais alemães a “querela entre antigos e modernos” e contribuiu significativamente para o entendimento de que entre a estética moderna e a antiga havia uma distância insuperável.

É a partir desse debate que buscaremos compreender alguns pontos fulcrais para a construção do Ideal de homem moderno no seu pensamento. Da caracterização do *ingênuo* e do *sentimental* surgiu, já em fins do século XVIII, uma tentativa de entender a relação entre Schiller e Goethe. Partiremos desse debate para refletir sobre os impactos da amizade com Goethe na concepção estética de nosso poeta. A leitura de *Poesia Ingênua e Sentimental* também nos permite pensar como, ao retomar a “querela entre antigos e modernos”, o poeta alemão articulava o Ideal de homem que na sua concepção deveria emergir nos novos tempos. Mais uma vez a arte mostrou-se aos olhos de Schiller como a atividade capaz de reunificar o homem fragmentado. A poesia sentimental representava para ele não a melancolia, tão característica do movimento dos “primeiros românticos”, mas a possibilidade de aliar natureza e razão em uma arte cuja meta maior deveria ser a liberdade.

Finalmente, chegamos ao quinto capítulo, no qual nos concentraremos na compreensão da “teoria da tragédia” elaborada por Schiller. Embora Schiller só tenha lido a *Arte Poética* de Aristóteles em 1797, quando grande parte de suas

ideias estéticas já haviam sido formuladas, a tradição aristotélica o alcançou, principalmente, por causa da influência de Winckelmann e Lessing. Além disso, era grande conhecedor das tragédias áticas e estas figuraram como paradigma orientador de sua arte. Portanto, nosso primeiro passo consiste em uma análise da tragédia em dois momentos: na Grécia Clássica e na modernidade de Schiller, a fim de pensar as interseções nestas diferentes formas da arte trágica. Em seguida, a ideia de tragédia de Schiller será confrontada como outra noção de arte trágica, desta vez o *drama burguês*, que surgiu por volta de 1730. Com o intuito de investigar as possibilidades do efeito trágico neste tipo de poética, analisaremos a tragédia *Intriga e Amor*, escrita por Schiller em 1784, sob o signo da *Tragédie Domestique*. Por fim, passaremos a uma breve consideração acerca da contribuição de Schiller para o surgimento da filosofia do trágico e a implicações do trágico na constituição do homem moderno.

Ao lançar luz sobre essa trajetória intelectual, busca-se menos o olhar do antiquário, dado a minúcias e fragmentos, e mais um panorama que possibilite a compreensão de uma espécie de sensibilidade moderna. Ao propor uma *educação estética* para a humanidade, Schiller tornava pública sua preocupação com o homem moderno. Verificar como a ideia de arte foi articulada à constituição desse novo o homem é a tarefa à qual nos destinamos a seguir.